

FORMAÇÃO PARA A DEFESA E PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

NO MUNDO JURÍDICO
E DA SEGURANÇA PÚBLICA

PRODUÇÃO



APOIO





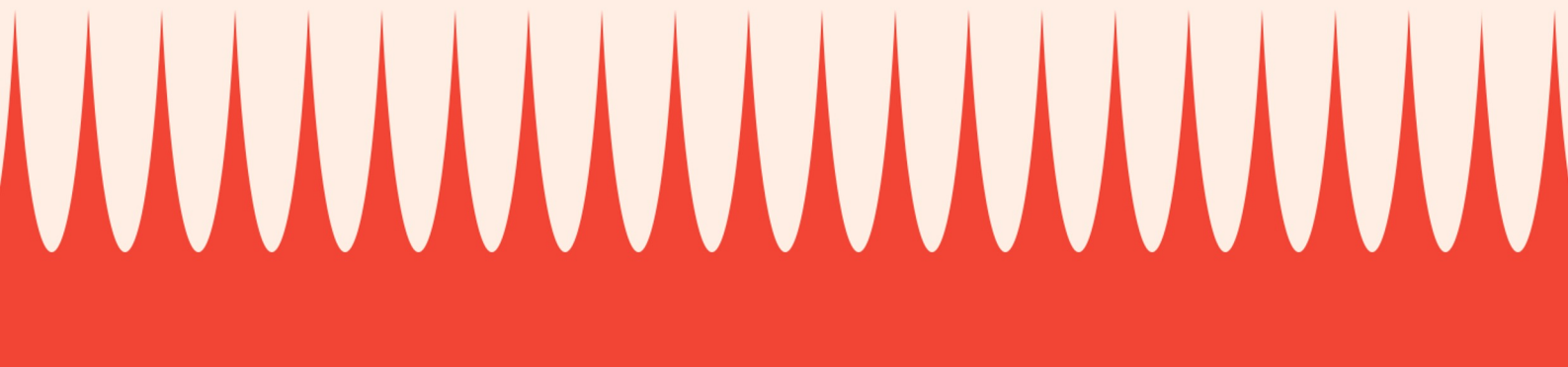
Juliana Farias

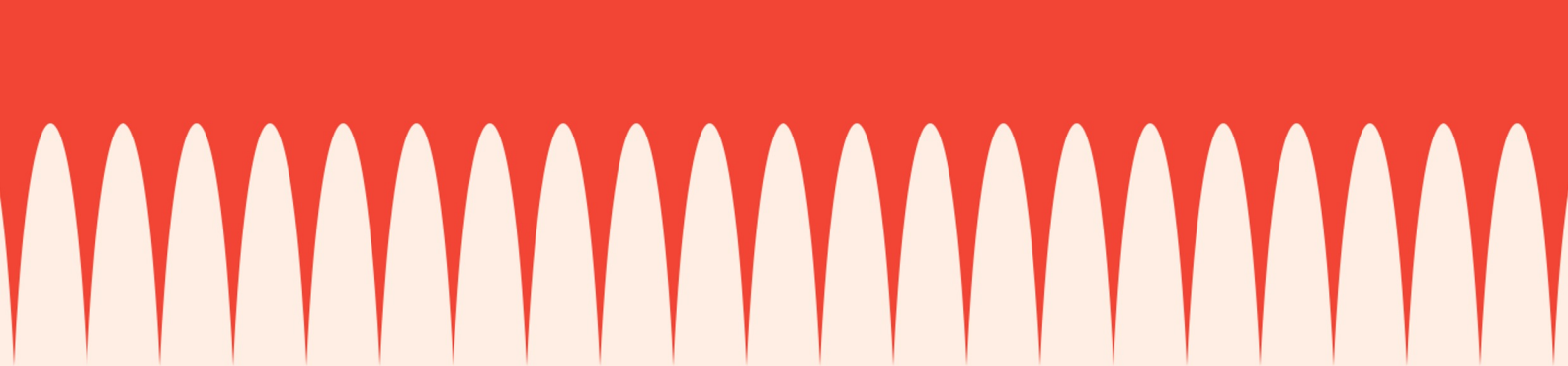
Violências de Estado e Movimentos de Familiares no Brasil Hoje

Para refletirmos sobre as conexões entre "Violências de Estado e Movimentos de Familiares no Brasil Hoje", seguiremos um roteiro que nos permita abordar sete aspectos relacionados ao tema da aula:

- Ocupação do espaço público e reivindicação de justiça
- Análise política atualizada através da luta
- Publicização de críticas aos projetos governamentais de segurança pública
- Estratégias para conectar justiça e memória
- Formas de homenagear os mortos / formas de viver o luto
- Perícia independente como bandeira de luta
- Produção de conhecimento junto aos movimentos de familiares

(01) COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. Informe sobre seguridad ciudadana y derechos humanos. Doc. OEA/Ser.L/V/II. Doc. 57, 31 dez. 2009, par. 46.

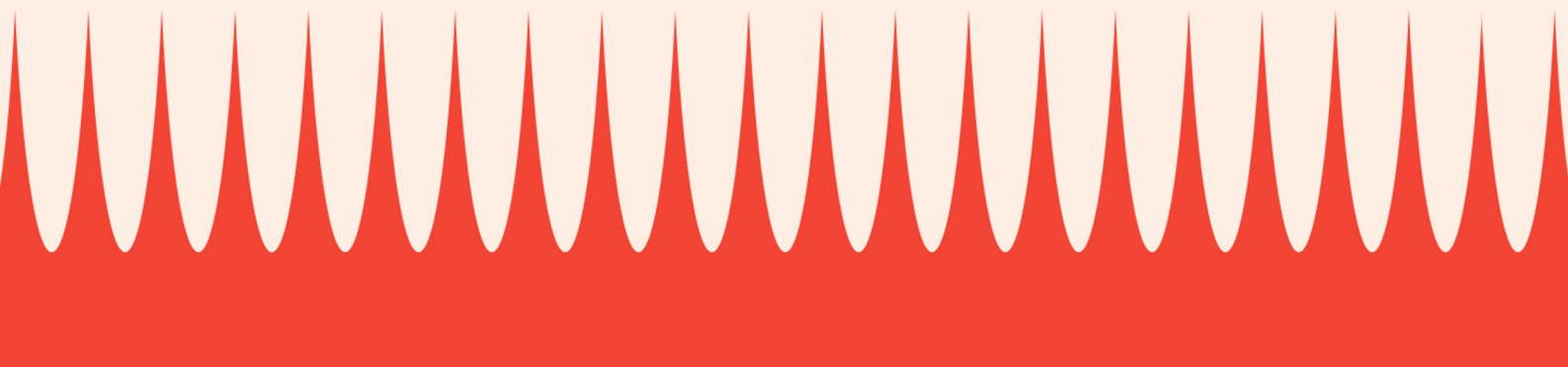


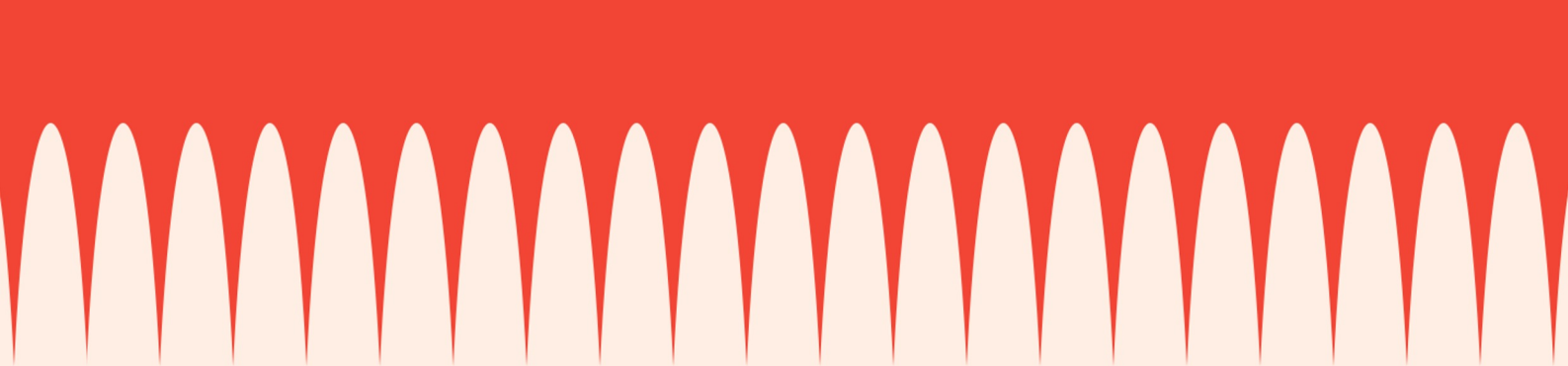


Ratificando, então, a participação de mães e familiares de vítimas da violência de Estado enquanto defensoras e defensores de direitos humanos, além de especialistas sobre segurança pública, damos prosseguimento ao debate girando o foco de atenção para os processos de generificação, racialização e territorialização que marcam não apenas a lógica bélica que pauta a configuração dos movimentos sociais em questão. São levantadas questões para refletirmos sobre a assinatura feminina, negra e periférica dessa luta por justiça, puxando a linha do tempo para o ano de 1990, quando ocorreu a Chacina de Acari.

Tal abordagem permite compreender como esses movimentos sociais são marcados por ensinamentos trocados entre familiares; pelo acolhimento realizado pelas mães e familiares de casos mais antigos em relação às famílias das vítimas fatais e sobreviventes de casos mais recentes; e pela centralidade da dor da perda como combustível político. Também são abordadas transformações dos/nos movimentos de mães e familiares de vítimas considerando a) a passagem do tempo; b) o campo de defesa e garantia dos Direitos Humanos no Brasil; c) aproximações facilitadas através de redes sociais; d) diversidade de estratégias para atuação política; e) intercâmbios com outros movimentos sociais protagonizados por mães e familiares latino-americanos, em especial as madres de Plaza de Mayo argentinas.

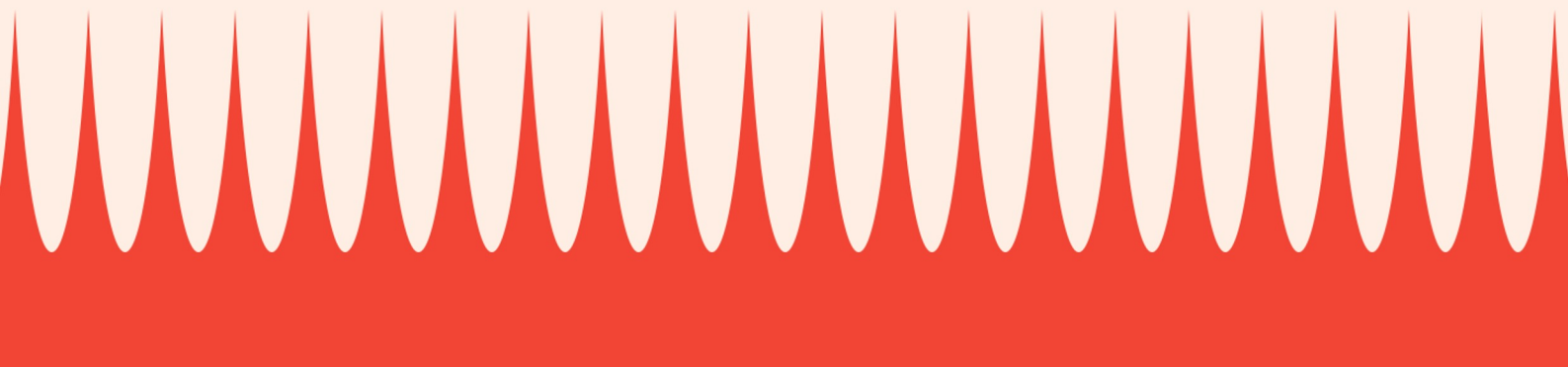
Na parte final da aula, é realizada uma breve contextualização da Rede Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo de Estado, passando pelos sete encontros nacionais já realizados, com atenção para o crescimento do número de movimentos e para as diferenças regionais que marcam a configuração atual da luta, através da participação de mais de trinta coletivos espalhados pelas cinco regiões do país. São acionados exemplos concretos da produção documental e das estratégias de advocacy dos movimentos de mães e familiares - um relacionado ao pacote anticrime do Moro e outro, ainda mais recente, relacionado ao PL 2999/2022, que cria a “Lei Mães de Maio”, estabelecendo “um Programa de Enfrentamento aos impactos da violência institucional e revitimização de mães e familiares das vítimas e/ou vítimas sobreviventes de ações violentas, por meio da atenção social integral”.





Na parte final da aula, é realizada uma breve contextualização da Rede Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo de Estado, passando pelos sete encontros nacionais já realizados, com atenção para o crescimento do número de movimentos e para as diferenças regionais que marcam a configuração atual da luta, através da participação de mais de trinta coletivos espalhados pelas cinco regiões do país. São acionados exemplos concretos da produção documental e das estratégias de advocacy dos movimentos de mães e familiares – um relacionado ao pacote anticrime do Moro e outro, ainda mais recente, relacionado ao PL 2999/2022, que cria a “Lei Mães de Maio”, estabelecendo “um Programa de Enfrentamento aos impactos da violência institucional e revitimização de mães e familiares das vítimas e/ou vítimas sobreviventes de ações violentas, por meio da atenção social integral”.

Ao longo da aula são explorados, também, aspectos delicados que marcam a atuação de mães e familiares de vítimas da violência de Estado, como o medo de entrar e se manter na luta e as dificuldades relacionadas às retaliações por parte de agentes das polícias civil e militar. São discutidos, ainda, os processos de criminalização da própria vítima fatal, a extensão dessa criminalização para a família e os impactos desses enquadramentos no cotidiano da luta.



Referências

- ANISTIA INTERNACIONAL. 2003. Rio de Janeiro: Candelária e Vigário Geral, 10 anos depois. Londres: Amnesty International Publications.
- ALVES, Dina. 2020. Corpografias Raciais: uma etnografia das captividades femininas negras em São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC-SP.
- ARAÚJO, Fábio. 2014. Das “técnicas” de fazer desaparecer corpos: desaparecimentos, violência, sofrimento e política. Rio de Janeiro: Lamparina.
- ARAÚJO, Fábio. 2008. Falta alguém na minha casa: desaparecimento, luto, maternidade e política. In: LIMA, Roberto Kant de. (org.) Antropologia e Direitos Humanos V Brasília, Booklink, pp. 166-225.
- ARAÚJO, Fábio. 2007. Do luto à luta: a experiência das Mães de Acari. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro.
- AZEVEDO, Desirée; SANJURJO, Liliana. 2022. Políticas de memória e práticas forenses: desaparecimento, desigualdades e produção da verdade na Argentina e Brasil. Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia, 54(2).
- BARROS, Rachel. 2016. Urbanização e “Pacificação” em Manguinhos: Um Olhar Etnográfico sobre Sociabilidade e Ações de Governo. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- CRUZ, Monique. 2020. “Aqui a bala come, não tem aviso prévio”: favela, necropolítica e a resistência das mulheres-mães guardiãs da memória. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- EFREM FILHO, Roberto. 2017. Os meninos de Rosa: sobre vítimas e algozes, crime e violência. Cadernos Pagu , n. 51. Campinas.
- EILBAUM, Lucía; MEDEIROS, Flávia. 2016. “Onde está Juan?”: moralidades e senso de justiça na administração judicial de conflitos no Rio de Janeiro. Anuário Antropológico, I. Brasília, pp. 09-33.
- FARIAS, Juliana; LAGO, Natália; EFREM FILHO, Roberto. 2020. Mães e lutas por justiça. Encontros entre produção de conhecimento, ativismos e democracia. Sexualidad, Salud y Sociedad: revista latinoamericana, Rio de Janeiro, n. 36.
- FARIAS, Juliana. Governo de mortes: uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.
- FARIAS, Juliana. 2015. Fuzil, caneta e carimbo: notas sobre burocracia e tecnologias de governo. Confluências: revista interdisciplinar de sociologia e direito, v. 17, n. 03. Niterói, pp. 75-91.
- FARIAS, Juliana. 2008. Quando a exceção vira regra: os favelados como população ‘matável’ e sua luta por sobrevivência. Teoria & Sociedade (UFMG), v. 15.2.

GUARIENTO, Suellen. 2023. A coisa tá ficando preta: o enegrecimento do repertório de movimentos de mães e familiares vítimas de violência. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - UERJ.

LACERDA, Paula Mendes. 2015. Meninos de Altamira: violência, 'luta' política e administração pública. Rio de Janeiro: Garamond.

LACERDA, Paula Mendes. 2014. O sofrer, o narrar e o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. Horizontes Antropológicos, v. 20. Porto Alegre, pp. 45-76.

LAGO, Natália. 2020. Nem mãezinha, nem mãezona: mães, familiares e ativismo nos arredores da prisão. Sexualidad, Salud y Sociedad, n. 36. Rio de Janeiro.

LAGO, Natália. 2019. Jornadas de visita e luta: tensões, relações e movimentos de familiares nos arredores da prisão. Tese (Doutorado em Antropologia Social), FFLCH / USP.

LEITE, Márcia Pereira. 2004. As mães em movimento. In: BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia Pereira (Orgs). Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

MISSE, M.; GRILLO, C.; TEIXEIRA, C.; NERI, N. 2013. Quando a polícia mata: homicídios por "autos de resistência" no Rio de Janeiro (2001-2011). Rio de Janeiro: NECVU; BOOKLINK.

MOVIMENTO MÃES DE MAIO. 2019. Memorial dos nossos filhos vivos: as vítimas invisíveis da democracia. São Paulo: Movimento Mães de Maio; Editora Nós Por Nós.

MOVIMENTO MÃES DE MAIO. 2012. Mães de Maio, Mães do Cárcere: A Periferia Grita. São Paulo: Movimento Mães de Maio.

MOVIMENTO MÃES DE MAIO. Mães de Maio: Do Luto à Luta. São Paulo: Movimento Mães de Maio, 2011.

PINHEIRO, Luciano. 2023. Familiares-vítima da letalidade policial e o Sistema de Justiça: aspectos jurídicopolíticos de uma relação complexa. Dissertação (mestrado) - Fundação Getúlio Vargas, Escola de Direito de São Paulo.

RAMOS, Paulo César. 2021. Gramática negra contra a violência de Estado: da discriminação racial ao genocídio negro (1978-2018). 328 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ROCHA, Luciane. 2020. Judicialização do sofrimento negro. Maternidade negra e fluxo do Sistema de Justiça Criminal no Rio de Janeiro. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), núm. 36, pp. 181-205.

ROCHA, Luciane. 2014. Outraged mothering: black women, racial violence and the power of emotion in Rio de Janeiro's African Diaspora. Tese de doutorado em Antropologia Afro-diaspórica, UT.

SILVA, Maria Dalva C.; FARIAS, Juliana; VIANNA, Adriana. 2024. A Chacina do Borel: vinte anos de memória e luta. Em: SANTOS, Myrian Sepúlveda (org). Lugares de memórias difíceis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.

SILVA, Maria Dalva C. 2023. Maria Dalva da Silva, uma mãe do Borel em busca por justiça. In: Dicionário de Favelas Marielle Franco. Rio de Janeiro: Dicionário de Favelas Marielle Franco. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Maria_Dalva_da_Silva,_uma_m%C3%A3e_do_Borel_em_busca_por_justi%C3%A7a&oldid=22462. Acesso em 10/06/2023.

SILVA, Uvanderson Vitor da; SANTOS, Jaqueline Lima dos; RAMOS, Paulo César. 2019. Chacinas e a politização das mortes no Brasil. Editora Fundação Perseu Abramo.

SOARES, Barbara Musumeci; MOURA, Tatiana; AFONSO, Carla (org.). 2009. Auto de Resistência: Relatos de Familiares de Vítimas da Violência Armada. Rio de Janeiro, 7Letras.

VIANNA, Adriana e FARIAS, Juliana. 2011. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. Cadernos Pagu, n. 37, p. 79-116, 2011.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional: uma abordagem conceitual. Brasília: Geledes/CFEMEA, 2013.

Documentos e documentários

Carta Final do I Encontro Internacional das Mães de Vítimas da Violência do Estado. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.global.org.br/blog/carta-final-do-i-encontro-internacional-das-maes-de-vitimas-da-violencia-do-estado/>

Carta da Rede Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo de Estado à Deputada Margareth Coelho em 21 de maio de 2019.

Documentário Auto de Resistência (Brasil, 2018). Direção: Natasha Neri; Lula Carvalho. <https://www.autoderesistencia.com.br/o-filme>.

Podcast “Justiça em Preto e Branco. Episódio 03 - Chacina do Borel”. 36min. <https://open.spotify.com/episode/0S1BXYxuSkvdv6Wi8vTY4?si=XhUW5tF0QDOy-XVHwgOwFQ>. Núcleo de Justiça Racial e Direito da FGV Direito SP.

Documentário Luto para nós é verbo (Brasil, 2018). Direção: Natasha Neri. <https://sur.conectas.org/en/luto-para-nos-sempre-foi-verbo/>

Documentário Nossos mortos têm voz. Direção: Fernando Sousa; Gabriel Barbosa. Rio de Janeiro - RJ: Quiprocó Filmes, 2018.